

Apresentação

Arquitetura, museus e arquitetura de museus

A proposição deste dossiê temático surge da necessidade de tensionar e ampliar os campos de interlocução entre arquitetura e urbanismo e a museologia, compreendendo-os não apenas como áreas técnicas, mas como âmbitos críticos de produção de conhecimento e de atuação social. Ao reconhecer os museus como espaços de democratização, inclusão e pluralidade de vozes, este dossiê parte da premissa de que tais instituições desempenham um papel central na mediação entre passado, presente e futuro, contribuindo para a construção de narrativas mais diversas e representativas.

A noção de musealização é aqui entendida além de um conjunto de procedimentos técnicos, configurando-se como um processo complexo que articula dimensões simbólicas, políticas e históricas. Ao mesmo tempo em que os museus se consolidaram, especialmente a partir do século XIX, como espaços de acumulação e legitimação de saberes e poderes, torna-se fundamental problematizar suas origens e seus acervos à luz de debates contemporâneos, como aqueles relacionados à colonialidade, à restituição e à reconfiguração das narrativas institucionais.

A contemporaneidade impõe, portanto, o desafio de pensar uma museologia e um espaço museal em constante transformação, nos quais as narrativas expositivas, os acervos e as próprias instituições se encontram em permanente revisão. Tal condição evidencia a impermanência como elemento constitutivo dos museus, impulsionada tanto por avanços tecnológicos quanto por novas abordagens teóricas e metodológicas que desconstróem modelos tradicionais e abrem espaço para práticas experimentais e inclusivas.

É nesse horizonte que o dossiê propõe aprofundar a relação entre museu, espaço e cidade, compreendendo o museu como parte indissociável da urbe e de suas dinâmicas sociais, culturais e simbólicas. Ao articular conceitos provenientes da geografia, da arquitetura e da teoria urbana, entende-se o museu como um espaço relacional, construído por interações entre sujeitos, territórios e práticas cotidianas. Assim, este dossiê reúne pesquisadores e profissionais para contribuir com reflexões interdisciplinares que explorem as múltiplas camadas que constituem os museus e suas arquiteturas, consolidando-se como um espaço de confluência teórica, crítica e projetual.

Segundo esse enquadramento teórico e conceitual, os artigos que compõem este dossiê materializam, em diferentes escalas e abordagens, as questões aqui delineadas. Reunindo contribuições que transitam entre a reflexão crítica, a análise histórica, os estudos de caso e as proposições projetuais, o conjunto de trabalhos revela a potência do diálogo interdisciplinar entre arquitetura, urbanismo e museologia, em interlocução com a história, a geografia, a literatura e a arte. Cada artigo, a seu modo, repensa noções consolidadas, amplia o repertório interpretativo sobre os museus, seus espaços e suas ausências e oferece novas perspectivas para compreender suas inserções urbanas, suas práticas e seus significados na contemporaneidade.

O artigo “Patrimônio edificado e museus de arte contemporânea em Belém, Pará: permanências e transformações alegóricas” analisa, com base em um sólido referencial teórico do campo do patrimônio, as transformações e permanências de valores em

edificações históricas convertidas em museus. Ao investigar a Casa das Onze Janelas, o Palácio Lauro Sodré e o Palacete Augusto Montenegro, o estudo demonstra como valores históricos, artísticos e de uso são continuamente ressignificados diante da função museal contemporânea, realçando que a musealização não implica ruptura, mas um processo dinâmico de sobreposição de sentidos e atualização simbólica. Ao incorporar dimensões como o valor de novidade e o valor simbólico, o artigo amplia a compreensão da preservação além da materialidade, destacando o papel ativo das instituições, das práticas culturais e da sociedade na construção e manutenção do patrimônio.

O artigo “Proposta de instalação de um museu inovador no Moinho Melatti, em Fagundes Varela (RS): preservação e reúso de uma edificação histórica” expõe uma reflexão aplicada sobre a transformação de um patrimônio industrial em desuso em um espaço museológico contemporâneo, articulando preservação, acessibilidade e sustentabilidade. Por meio de um estudo de caso detalhado, o trabalho propõe diretrizes para a adaptação do conjunto edificado, preservando sua materialidade, maquinário e memória produtiva, ao mesmo tempo em que incorpora estratégias de interatividade, tecnologias digitais e experiências sensoriais como meios de qualificar a visita e ampliar o alcance educativo.

O artigo “O Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte, Minas Gerais: da preservação do patrimônio arquitetônico industrial e ferroviário à sustentabilidade cultural” apresenta o Museu de Artes e Ofícios da capital mineira como um caso paradigmático de reutilização adaptativa de estruturas ferroviárias, articulando preservação do patrimônio industrial, práticas museológicas contemporâneas e sustentabilidade cultural. Ao evidenciar sua inserção urbana estratégica, suas ações educativas e curatoriais participativas e seu compromisso com a inclusão social, o estudo demonstra de que modo o museu se consolida como um equipamento cultural ativo, capaz de valorizar saberes do mundo do trabalho, fortalecer identidades coletivas e contribuir para a dinamização do espaço urbano.

O artigo “Transformação de um edifício bancário em espaço cultural: o caso do Museu Histórico de Araranguá (SC), Brasil” analisa o processo de ressignificação de uma antiga agência bancária convertida em equipamento cultural, revelando como a preservação do patrimônio edificado pode emergir do engajamento comunitário e da atuação de agentes culturais, mesmo na ausência de tombamento formal. Mediante um estudo de caso ancorado em pesquisa documental, trabalho de campo e entrevistas, o texto mostra como o edifício passa a exercer uma dupla função patrimonial: como testemunho material da história urbana e como espaço ativo de memória, educação e dinamização cultural.

O artigo “Patrimônio funerário: o cemitério como espaço de musealização e turismo” propõe uma ampliação do campo museológico ao reconhecer os cemitérios como lugares de memória, patrimônio cultural e potenciais espaços musealizados. Ao articular discussões sobre musealização, educação patrimonial e turismo cemitieral, o texto expressa como as necrópoles, frequentemente marginalizadas pelo imaginário social, podem ser ressignificadas como espaços de fruição, conhecimento e preservação, destacando seu valor histórico, artístico e simbólico. Nesse percurso, o artigo também problematiza os cemitérios como “patrimônios difíceis”, debatendo as relações entre memória, morte e sociedade e apontando a musealização como estratégia fundamental para reaproximar a população desses espaços, promovendo novas formas de leitura, apropriação e valorização cultural.

O artigo “Quando a fábrica vira museu: entre o novo uso, a função social e as memórias do trabalho” apresenta uma leitura crítica do reuso do patrimônio industrial brasileiro como museus de arte, articulando dimensões arquitetônicas, museológicas e, sobretudo, sociais. Por intermédio de um levantamento quantitativo inédito na base do Ibram, o estudo ressalta a ainda reduzida presença dessa tipologia no cenário nacional, ao mesmo tempo em que problematiza os desafios de reconhecimento, registro e valorização dessas iniciativas. Além da materialidade arquitetônica, o texto discute a necessidade de incorporar as memórias do trabalho e das comunidades operárias nos discursos institucionais, indicando a urgência de práticas alinhadas à museologia social capazes de promover representatividade, inclusão e construção coletiva de sentido.

O artigo “O valor sagrado como categoria no patrimônio cultural e a experiência devocional no museu” faz uma reflexão teórico-crítica sobre a incorporação do valor sagrado no campo patrimonial e seus desdobramentos nos espaços museológicos, tomando a fruição como eixo estruturante da análise. Articulando contribuições da antropologia, da museologia e dos estudos da religião, o texto demonstra que determinados bens culturais, ao serem investidos de sacralidade por suas comunidades, ultrapassam a dimensão material e demandam modos específicos de experiência, vinculados à devoção, ao ritual e à vivência espiritual. Nesse contexto, o museu é compreendido como um território de tensão, no qual se confrontam regimes distintos de valor – entre a lógica técnica da preservação e a dinâmica viva do sagrado –, exigindo abordagens mais sensíveis, participativas e interculturais.

O artigo “Entre marés e memórias: proposta de um ecomuseu na comunidade da Praia do Ervino” propõe uma reflexão crítica sobre o papel dos museus enquanto dispositivos de poder e representação, articulando esse debate à construção de práticas museológicas enraizadas no território e na participação comunitária. Baseado no referencial da Nova Museologia, da museologia social e da sociomuseologia, o texto analisa a Praia do Ervino, em São Francisco do Sul (SC), como um território marcado por disputas simbólicas, transformações urbanas e apagamentos históricos, realçando seu potencial para a implantação de um ecomuseu comprometido com a valorização dos saberes locais, da memória coletiva e da justiça territorial. O artigo contribui para o debate ao mostrar o ecomuseu como um dispositivo de resistência, pertencimento e coautoria, capaz de articular cultura, paisagem e práticas sociais em processos de construção do comum. Reafirma o museu como prática social e política, orientada pela escuta, pela participação e pela produção coletiva de narrativas, apontando para uma museologia comprometida não apenas com a preservação do passado, mas com a construção de futuros compartilhados.

O artigo “Museu de Arte de Crescuma: arquitetura ficcional e outras institucionalidades” apresenta um projeto artístico e curatorial que discute os limites do museu enquanto instituição, ao propor um museu fictício entendido como prática. Com base no contexto de Criciúma (SC), marcado por precariedades institucionais e apagamentos de memória evidenciados pelo incêndio do Centro Cultural Jorge Zanatta, o texto articula crítica institucional, práticas curatoriais e experimentações arquitetônicas para investigar novas formas de existência e atuação dos museus, deslocando-os de estruturas fixas para processos abertos, híbridos e em constante construção. O texto contribui para o debate ao salientar o museu como campo expandido, capaz de operar entre o físico e o imaterial, entre o arquivo e a ficção, entre a ausência institucional e a invenção de outras institucionalidades. Nesse sentido, o Museu de Arte de Crescuma

afirma-se como uma prática crítica e experimental, que questiona modelos hegemônicos, propõe alternativas mais flexíveis e democráticas e reafirma o papel das práticas artísticas como agentes ativos na produção de memória, conhecimento e transformação cultural.

Ao reunir aqui tais artigos, este dossiê reitera a potência dos museus e das práticas museológicas como campos em permanente transformação, atravessados por disputas, reinvenções e deslocamentos conceituais. As contribuições mostram que pensar o museu hoje implica ultrapassar sua compreensão como espaço estático de conservação, reconhecendo-o como um dispositivo ativo na produção de narrativas, na mediação de conflitos simbólicos e na construção de pertencimentos. Seja mediante a preservação do patrimônio edificado, o reuso de estruturas industriais, a valorização de memórias locais, a incorporação do sagrado, a crítica institucional ou a emergência de novas tipologias como os ecomuseus e os museus fictícios, os textos indicam uma ampliação do campo museológico em diálogo direto com as complexidades do contemporâneo.

Nesse horizonte, o dossiê consolida-se como espaço de articulação interdisciplinar que repensa fronteiras entre arquitetura, cidade, patrimônio e museologia, evidenciando o museu como parte indissociável das dinâmicas urbanas e sociais. Mais do que oferecer respostas fechadas, as reflexões aqui reunidas abrem caminho para novas investigações, práticas e posicionamentos críticos, reforçando a necessidade de uma museologia sensível às múltiplas formas de existência, memória e experiência. Assim, permanece em aberto o desafio de construir instituições e institucionalidades capazes de acolher a diversidade, sustentar o diálogo e reinventar continuamente seus modos de operar diante das incertezas e urgências do tempo presente.

Angela Luciane Peyerl

(Coordenadora do Museu de Artes de Joinville e
do Museu Casa Fritz Alt – Joinville, SC)

Rodrigo Fabre Feltrin

(Docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Esucri)

Tayna Vicente

(Docente do curso de Arquitetura da Univille)
